

A Expansão Marítima e o contato entre Europa, África, Ásia e América

Conquista de Ceuta pelos portugueses, em 1415.

+ Conteúdos

Objetos do conhecimento

- As descobertas científicas e a Expansão Marítima.
- As transformações na Europa, na África, na Ásia e na América.

Habilidades

- Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e

indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

- Comparar as navegações no Atlântico e no Pacífico entre os séculos XIV e XVI.
- Compreender como ocorrem contatos entre diferentes culturas.
- Interpretar esses encontros com base nas trocas culturais.
- Analisar o contato entre portugueses e povos que habitavam a África, Ásia e América e o impacto desse fenômeno nas sociedades nessas regiões.



Para começar

Construído originalmente em materiais perecíveis, foi reedificado em 1960, por ocasião dos 500 anos da morte do Infante D. Henrique – grande impulsionador dos Descobrimentos portugueses. Assumindo o formato de uma caravela estilizada que se faz ao mar, leva à proa o Infante, seguido de alguns protagonistas da proeza ultramarina e da cultura da época retratados com símbolos que os individualizam, nomeadamente, navegadores, cartógrafos, guerreiros, colonizadores, evangelizadores, cronistas e artistas.

Padrão dos Descobrimentos. EGEAC – Cultura em Lisboa. Disponível em: <https://egeac.pt/espacos/padrao-dos-descobrimentos/>. Acesso em: 11 jun. 2024.



Padrão dos Descobrimentos em Lisboa, Portugal. Fotografia de 2022.

A imagem inicial desta seção é um exemplo da forma como a Expansão Marítima tem sido representada em Portugal. Nesta página, o Padrão dos Descobrimentos, localizado em Lisboa, próximo à foz do rio Tejo junto ao oceano Atlântico, carrega a visão de Portugal sobre o processo no nome e na caravela estilizada projetada sobre as águas.

Obras como essa são homenagens do Estado português a personagens tidos como heróis, devido às conquistas feitas no passado. Faz parte de uma memória nacional, construída a partir da associação entre a exploração ultramarina e a ideia de heroísmo e de um espírito aventureiro que levou a um período de glória e poder em Portugal, dada a extensão de seu império colonial, que se espalhava da América à Ásia.

Note que, na imagem, há um personagem em posição de destaque. É o infante dom Henrique, o príncipe navegador, visto como líder militar e um dos principais entusiastas da Expansão Marítima.

Mas uma questão deve ser pensada: Será que aquilo que é representado como a glória de Portugal nos séculos XV e XVI foi visto da mesma maneira pelos povos dos outros continentes? Assim, neste módulo, vamos tratar do contato entre os povos da Europa, África, Ásia e América no contexto da Expansão Marítima.

Para relembrar

Desde o século XII, ainda na Idade Média, a Europa vivia a retomada do contato com o Oriente. Cada vez mais, crescia o interesse europeu pelos produtos vindos da Ásia e da África, o que se intensificou nos séculos seguintes.

No módulo anterior, você conheceu o contexto em que teve início a Expansão Marítima europeia, os fatores que levaram a ela e o papel desempenhado por Portugal. Além disso, observou a relação entre esse processo e as transformações sociais, políticas, econômicas e religiosas que estavam em curso.

Para aprender

A visão de mundo dos europeus

O crescente comércio entre europeus e orientais, desde a Idade Média, não contribuiu para que esses povos se conhecessem melhor. Até o século XV, os europeus sabiam muito pouco sobre os asiáticos e os africanos, e o que sabiam nem sempre correspondia à realidade.

No século XIII, os relatos das viagens de Marco Polo ao Extremo Oriente eram bem difundidos na Europa moderna. No entanto, o conhecimento sobre o Oriente não era baseado apenas na observação concreta daquelas sociedades. Considerando o **imaginário** da época, sabemos que as crenças e os costumes dos europeus influenciaram seu conhecimento sobre os povos africanos e asiáticos.

Acreditava-se na existência de fontes inesgotáveis de riqueza, árvores com frutos deliciosos e verdadeiros paraísos perdidos, como a localização terrestre do Jardim do Éden. Ao mesmo tempo, ao navegar para terras longínquas, parte daqueles europeus imaginavam que se deparariam com monstros, canibais e seres míticos.

Nesse sentido, o **etnocentrismo** foi determinante para a construção da imagem que os europeus tinham dos povos da África, da Ásia e da América. E, na maior parte das vezes, os europeus viam esses povos como seres inferiores.

Assim, é interessante pensar que a Expansão Marítima foi um processo que produziu consequências distintas na maneira de ver e de se relacionar com aqueles que eram considerados os “outros”. Por um lado, permitiu que longas distâncias fossem vencidas e realidades muito distintas fossem conhecidas e possibilitou intensas trocas culturais. Por outro, o contato com os povos da África, da Ásia e da América não eliminou totalmente as visões fantasiosas e foi marcado por uma perspectiva etnocêntrica.

Narrativas de diferentes regiões passaram a influenciar o modo como os europeus pensavam o mundo. Lugares nunca visitados tornaram-se conhecidos; objetos que antes eram raros na Europa deixaram de ser; os navegantes tomaram contato com formas distintas de religiosidade das conhecidas na Europa; e a culinária se transformou: a batata e o tomate, base de pratos típicos europeus, tornaram-se conhecidos e usados nas Américas. Por fim, o contato entre distintas línguas e povos produziu transformações que incorporaram novas palavras e expressões a cada um.

Apontar a ideia de que houve trocas culturais não significa ignorar a violência física e simbólica dos processos de dominação colonial, mas sim pensar em como os encontros, ainda que baseados em relações **assimétricas**, podem influenciar aqueles que participam dele.



Homens com cabeça de cão na ilha de Andamã no golfo de Bengala, miniatura de *O livro das maravilhas*, de Marco Polo e Rustichello, século XV. A obra, baseada nos relatos de Marco Polo, contribuiu para a construção do imaginário europeu acerca do Oriente.

assimétricas:

relações baseadas na diferença, seja de poder, de hierarquia ou de classe social.

etnocentrismo:

a noção de etnocentrismo representa a maneira pela qual um grupo cria uma imagem do Universo que favorece a si, omitindo, reconhecendo ou hipervalorizando determinados acontecimentos, comportamentos e práticas de acordo com os próprios interesses. Esse grupo se valoriza e aplica suas normas e formas de perceber o mundo a outros grupos.

imaginário:

conjunto de imagens, representações, visões de mundo de um povo a respeito de determinados aspectos da vida cotidiana. Assim, pode haver um imaginário sobre um povo, sobre um comportamento, sobre a política, etc.

Portugal na costa africana

A partir da conquista de Ceuta pelos portugueses, em 1415, o pequeno reino cristão da península Ibérica passou a controlar parte significativa do comércio no Mediterrâneo. Além disso, abriu caminho para a exploração das riquezas africanas. O domínio da região foi o primeiro passo dos portugueses em seu projeto de expansão marítima e comercial. Ao longo do século XV se desenharia o chamado périplo africano, que você conheceu no módulo anterior.

O avanço pelo litoral do continente africano, ao longo das décadas seguintes, permitiu o contato com os sudaneses, que se tornaram parceiros comerciais importantes dos comerciantes lusitanos. Nessa época, objetos, tecidos e animais vindos da Europa eram trocados por pessoas escravizadas e por ouro. Nos anos seguintes, a expansão seguiu pelo litoral do continente. E, conforme avançava, novas alianças eram firmadas por Portugal. Marfim, ébano, pimenta e outras especiarias africanas chegavam em quantidades cada vez maiores à Europa. Ao mesmo tempo, o acesso ao ouro no golfo da Guiné e o lucro com o comércio de escravizados eram crescentes.

Expansão Marítima portuguesa (séculos XV e XVI)



Fonte: ALBUQUERQUE, Manoel M. de et al. *Atlas histórico escolar* 8. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986. p. 112-113

O estabelecimento de contato com o Reino do Congo, a partir da década de 1480, proporcionou o início de uma aliança essencial para os objetivos portugueses. Ao longo dos séculos, foi retirada dessas regiões africanas boa parte das pessoas comercializadas como escravas nas colônias europeias na América.

No primeiro período da Expansão Marítima portuguesa, os avanços no território foram limitados, diante do poder militar dos reinos e impérios e das condições locais. Os portugueses estabeleceram entrepostos comerciais (feitorias) no litoral e construíram alianças com povos do continente africano. Além disso, a comercialização de mercadorias com os reinos e chefes locais fez com que as especiarias circulassem no mercado europeu.

Em contrapartida, a entrada de produtos europeus fortaleceu alguns grupos e contribuiu para aprofundar diferenças nas sociedades africanas, já que os artigos conferiam certo *status* por serem “importados”.

A questão do comércio de pessoas escravizadas também merece destaque. A escravidão e o comércio de escravizados, como você estudou no 6º ano, já existiam no continente africano. Pode-se apontar a existência de uma escravidão doméstica, a escravização de pessoas em contexto de guerra ou como punição por crimes. Além disso, é possível ainda considerar um comércio de escravizados no continente, a partir da atuação de mercadores em caravanas.

▶ A fortaleza de São Jorge da Mina em Elmina, no atual território de Gana, na África, foi construída em 1482 por ordem do rei João II de Portugal. Funcionou como posto comercial e base de abastecimento para os navegadores portugueses. Gravura de Johann Theodor de Bry, 1603.



Porém, com a chegada dos europeus à África, o cenário se modificou. A busca crescente por escravizados para serem comercializados para outras regiões transformou a escravização em uma atividade de larga escala. Isso ampliou a quantidade de pessoas capturadas, intensificando os conflitos no continente, e expandiu as redes de comércio no continente africano.

Na época, reinos sudaneses e da região de Congo-Angola foram parceiros importantes de Portugal. A maior parte das pessoas deslocadas para a América portuguesa ao longo do período colonial vinha dessas regiões. Estudiosos estimam que, entre os séculos XVI e XIX, cerca de cinco milhões de pessoas foram comercializadas e trazidas ao Brasil como escravizadas.

No século XVI, outros países europeus começaram a ameaçar o monopólio português na região. Inglaterra, França, Holanda e Espanha avançaram também sobre a costa africana e estabeleceram relações com os chefes locais.

Gotas de saber

A cidade angolana Mbanza Congo, que constitui uma referência histórica mundial por ter abrigado a capital do antigo Reino do Congo, foi declarada Patrimônio Mundial da Humanidade em 2017. Leia a reportagem a seguir, que traz detalhes desse processo.

Mbanza Congo declarada Patrimônio Mundial da Humanidade

[...] A decisão de declarar o centro histórico de Mbanza Congo como Patrimônio Mundial da Humanidade foi tomada [...] durante a 41ª sessão daquela comissão, reunida em Cracóvia, no sul da Polônia [...].

O projeto “Mbanza Congo, cidade a desenterrar para preservar”, que tinha como principal propósito a inscrição desta capital do antigo Reino do Congo, fundado no século XIII, na lista do patrimônio da Unesco, foi oficialmente lançado em 2007.

O centro histórico de Mbanza Congo, na província do Zaire, no norte de Angola, está classificado como patrimônio cultural nacional desde 10 de junho de 2013, um pressuposto indispensável para a sua inscrição na lista de patrimônio mundial.

A candidatura de Angola destacava que o Reino do Congo estava perfeitamente organizado quando ocorreu a chegada dos portugueses, no século XV. Era uma das mais avançadas civilizações na África na data. [...]

A área classificada envolve um conjunto cujos limites abrangem uma colina a 570 metros de altitude e que se estende por seis corredores. [...] Os trabalhos arqueológicos realizados no local envolveram a medição da fundação de pedras descobertas no local denominado “Tadi dia Bukukua”, supostamente o antigo palácio real. [...]

Dividido em seis províncias que ocupavam parte das atuais República Democrática do Congo, República do Congo, Angola e Gabão, o Reino do Congo dispunha de 12 igrejas, conventos, escolas, palácios e residências. [...]

AGÊNCIA LUSA. Mbanza Congo declarada Patrimônio Mundial da Humanidade. DW, 9 jul. 2017. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/mbanza-congo-declarada-patrim%C3%B4nio-mundial-da-humanidade/a-39617931>. Acesso em: 15 jun. 2024.



Representação da vista da cidade de Mbanza Congo, capital do Reino do Congo, atual Angola. Gravura de Olfert Dapper, 1686

Pontes para a Ásia

Em 1488, com a travessia do cabo das Tormentas, os portugueses deram um passo importante para seu projeto na Ásia. Em maio de 1498, a pequena frota liderada por Vasco da Gama chegava a Calicute, consolidando o papel de Portugal nessa jornada. Abria-se, então, um caminho de trocas comerciais e culturais intensas.

A expedição de Vasco da Gama voltou à Europa carregada de especiarias. As mercadorias tinham alto valor no mercado europeu. Com o acesso português ao Oriente, elas se espalharam definitivamente pelo continente, sendo alvo de apreço da nobreza, do clero e da burguesia. Nos anos seguintes, navegadores do reino alcançaram o que hoje é a China, o Japão e o Timor-Leste, por exemplo.

Esse contato deixou marcas, mais uma vez, nos dois lados envolvidos na história. Chefes locais se beneficiaram de acordos comerciais com portugueses, os quais tiveram acesso às tão desejadas especiarias. Uma viagem dessas poderia render para os comerciantes europeus cerca de 3000% de lucro. Um verdadeiro “negócio da China”.

A presença dos navegadores de Portugal foi marcante em diversas partes do Oriente. A língua portuguesa era a língua europeia mais falada e algumas edificações daquela época ainda resistem ao tempo nessas regiões. Lugares como Goa e Diu, na Índia, e Macau, na China, guardam heranças da presença europeia no período das Grandes Navegações.



Ruínas da Catedral de São Paulo, em Macau, na China. Fotografia de 2021.



Basilica de Bom Jesus, em Goa, na Índia. Fotografia de 2022.



Fortaleza de Diu, em Diu, na Índia. Fotografia de 2024.



Forte de Nossa Senhora da Conceição de Dili, construído durante a dominação portuguesa, em Dili, no atual Timor Leste. Fotografia de 2017.

Acompanhando a expansão do comércio marítimo, missionários de ordens religiosas europeias, sobretudo a Companhia de Jesus, foram enviados para o Oriente com o intuito de difundir a fé cristã e o modo de vida europeu. É importante salientar, no entanto, que essas relações não se deram de forma pacífica, pois os portugueses usaram estratégias agressivas para submeter regiões aos seus domínios, expulsando comerciantes e criando fortificações para exigir tributos. Por sua vez, esses povos resistiram como puderam ao avanço europeu na região.

Mas não apenas Portugal explorou a Ásia no período. Os portugueses chegaram ao Pacífico por meio do caminho iniciado com o périplo africano, e a chegada dos espanhóis à América também criou curiosidade pelo acesso ao que era visto como “outro mar”. Em 1513, o navegador espanhol Vasco Nuñez de Balboa ouviu dos povos indígenas na América sobre a existência de um mar que não conhecia a oeste de onde estavam.

No mesmo ano, Nuñez conseguiu acessar o oceano Pacífico após atravessar a região onde hoje se localiza o Panamá, chamado naquele momento de “mar do sul”. Outro navegador, o português Fernão de Magalhães, a serviço da Coroa espanhola, liderou uma viagem que contornou o continente americano, ao Sul, e chegou ao Pacífico. Ele fez a viagem de circun-navegação e levou pouco mais de três anos para contornar o globo terrestre.

Viagem de circun-navegação de Fernão de Magalhães



VICENTINO, Cláudio. *Atlas histórico: Geral e Brasil*. São Paulo: Scipione, 2011. p. 90.

A chegada à América

Como vimos, em 1492, Cristóvão Colombo chegou à América. Pouco tempo depois, em 1500, navegadores portugueses, liderados por Pedro Álvares Cabral, chegaram ao território que hoje é o Brasil. Nesse projeto expansionista que iniciava seu avanço sobre a América, Estado e Igreja tinham interesses comerciais e na difusão da fé cristã. A conquista da América pelos espanhóis e, mais tarde, pelos portugueses estava vinculada também à difusão dos ideais católicos.

A colonização da América consolidou o poder da Igreja e dos reinos cristãos ibéricos nos novos domínios. Neles, a Igreja passou a ditar os padrões de comportamento e se tornou parte fundamental da vida cotidiana.

A vida em sociedade estava diretamente ligada à vida religiosa: o nascimento e o batismo; a vida adulta, a eucaristia, o casamento e o batismo dos filhos; a morte e o enterro em campo santo; a missa semanal.



A chegada de Colombo na ilha de Guanahani, óleo sobre tela de John Vanderlyn, 1848.

Ao mesmo tempo, ordens religiosas fundaram escolas e universidades nas Américas. A atuação dos jesuítas teve destaque nesse processo. Devido à sua influência, a cultura e a religiosidade ibérica difundiram-se, assim como as línguas portuguesa e espanhola, que são até hoje idiomas oficiais de boa parte dos países do continente.

Com a presença da cultura europeia, os hábitos dos povos nativos foram censurados, desqualificados e demonizados. Além disso, ainda eram forçados à escravização e à conversão forçada ao cristianismo. Esse processo, contudo, não se deu sem resistência: nos diferentes lugares em que os europeus introduziram seu modo de vida e buscaram enfraquecer ou apagar práticas locais, grupos sobreviveram com suas tradições e seus hábitos; línguas e costumes; histórias e estruturas de organização.

Para solucionar

Situação-problema

Em 2018 a Câmara Municipal de Lisboa, então dirigida pelo **autarca** Fernando Medina, pôs na agenda o Museu dos Descobrimentos. Numa questão de dias a ideia estourou que nem um **petardo** nas redes sociais, na rádio, nos jornais. Descobrimientos? Descobertas? Museu do encontro? Qual encontro? Foi tal a controvérsia que a ideia teve morte natural. As façanhas de 500 ganharam neste milénio um **travo** amargo de ressentimento e culpa: afinal de que somos feitos? De glória, da vilanagem, ou ambos? [...]

Descobrimientos ou descobertas. As designações que Portugal deu à expansão marítima foram aceites, sem contestação, por várias gerações. Uma história propagada nos manuais escolares, na opinião pública e publicada, e que só conhecia um narrador: o país desbravador do Atlântico. Na **viragem** deste milénio, sobrepõem-se outras vozes, a dos descendentes das pessoas escravizadas e a voz daqueles que rejeitam um relato unívoco do passado colonial. As façanhas de quinhentos ganharam um travo a culpa e ressentimento que não era evidente nas comemorações dos 500 anos da viagem de Pedro Álvares Cabral, nem nos festejos dos 500 anos da viagem de Vasco da Gama até à Índia.

Portugal, pioneiro das aventuras oceânicas, terá para sempre de conviver com outro Portugal, o do pioneirismo no comércio escravo transatlântico. Como se harmoniza, na atualidade, a culpa e o orgulho num país que dando mundos ao mundo, mudou esses mundos à força?

RAMOS, Amélia Moura; MARTINS, João. Museu dos Descobrimentos ou das Invasões? Toda a polémica sobre esta ideia falhada à nascença no 2º episódio de 'Préterito Imperfeito'. *Préterito imperfeito*. Disponível em: <https://expresso.pt/podcasts/preterito-imperfeito/2023-08-14-Museu-dos-Descobrimentos-ou-das-Invasoes--Toda-a-polemica-sobre-esta-ideia-falhada-a-nascenca-no-2-episodio-de-Preterito-Imperfeito-821b2563>. Acesso em: 16 jun. 2024.

autarca: pessoa que governa, administra.

petardo: objeto utilizado para destruir algo; tipo de bomba.

travo: sabor.

viragem: virada.

O texto foi retirado de uma publicação portuguesa. Ele trata de um tema comum: a relação com o passado português a partir do presente. No início deste módulo, observamos símbolos nacionais relacionados a construção da memória nacional do país, o Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa. Nesta atividade, o texto-base apresenta outra perspectiva.

Estudo autodirigido

Organizem-se em grupos para realizar uma pesquisa com base nas questões a seguir:

- De que maneira as questões levantadas no texto estão relacionadas ao passado português?
- Por que houve (e ainda há) uma crítica ao uso das palavras “descobrimentos” ou “descobertas”?
- Que outras palavras são mais adequadas que “descobrimento”?
- Como as ações apresentadas na atividade foram encaradas pela sociedade portuguesa na época?
- Você conhece outros exemplos de ações parecidas com as retratadas na atividade?

Resolução do problema

Após a pesquisa, organizem uma roda de conversa a respeito das questões levantadas. Durante a sua realização, exponham as descobertas feitas durante a pesquisa e reflitam sobre os motivos relacionados aos eventos no presente sobre as memórias do passado português. Aproveitem para apresentar exemplos parecidos que porventura tenham encontrado.



Para explorar

Como vimos, a Expansão Marítima costuma ser lembrada com base na perspectiva econômica ou, ainda, por meio da exaltação de um heroísmo dos envolvidos, como observamos nas imagens iniciais do módulo.

No plano cultural, é comum que se pense apenas na influência europeia sobre as áreas dominadas, com a expansão do catolicismo, das línguas e do modo de vida europeus. Agora, vamos explorar um pouco mais a questão. Que influências a Europa recebeu dos povos com os quais passou a ter contato com as Grandes Navegações? Escolha um tema e escreva um texto de até dez linhas a respeito dessa influência.

Algumas sugestões de temas a serem pesquisados: língua, culinária, comportamentos.



Praticando o aprendizado

1. De que forma a memória oficial portuguesa trata o processo de expansão marítima e comercial?

2. Por que podemos dizer que os contatos entre europeus e orientais na Idade Média não significavam conhecimento mútuo?

3. Explique o interesse português em chegar a Calicute.

4. Leia o trecho abaixo e responda às questões a seguir.

Em sua expansão, a partir do século XV, as sociedades europeias se defrontaram com outras sociedades e perceberam que estas não eram feitas à sua imagem. A reação imediata do Ocidente foi o etnocentrismo. Em seu avanço, a cultura europeia não só é etnocêntrica, como também etnocidária. O etnocídio é a destruição de modos de vida e de pensamentos diferentes dos compartilhados por aqueles que conduzem à prática da destruição, que reconhecem a diferença como um mal que deve ser sanado mediante a transformação do Outro em algo idêntico ao modelo imposto. [...] O Outro é sempre negado pelas culturas europeias, pois o universo no qual está integrado passa a depender dessas culturas.

TELES, Norma. A imagem do índio no livro didático: equivocada, enganadora. In: SILVA, A. L. da. (org.). *A questão indígena na sala de aula*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 75-76.

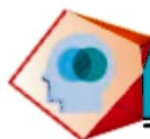
Caracterize a ideia de etnocídio apresentada pela autora.

5. Leia o trecho e responda à questão a seguir.

A guerra histórica contra os mouros data da formação do reino de Portugal e, a nosso ver, nunca perdeu o caráter cruzadístico que a motivara em seus primórdios. A conquista de Ceuta, em 1415, foi uma decisão tomada pouco depois que o reino português estabelece um acordo de paz com Castela, seu inimigo interno, relacionando-se, assim, com as necessidades guerreiras da nobreza e reafirmando o paradigma de rei cavaleiro, fomentando um ideal missionário, segundo o qual o reino deveria "cumprir sua missão", expandindo o evangelho para além das fronteiras da Cristandade.

BARBOSA, Katiuscia Q. *Imagens da África: alteridade e identidade na expansão portuguesa do século XV*. XXVI Simpósio Nacional de História, Natal-RN, 22-26 jul. 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371265562_ARQUIVO_ImagensdaAfricaAlteridadeeIdentidadenaExpansaoPortuguesa.doSeculoXV.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

O que seria o caráter cruzadístico da Expansão Marítima portuguesa citado no trecho?



Desenvolvendo habilidades

1. O fragmento destaca que a Expansão Marítima marcou o encontro entre cristãos e outros povos além-mar.

A expansão marítima europeia permitiu aos cristãos o contato com as mais diversas formas de religiosidade. No além-mar, os portugueses conheceram uma multiplicidade de costumes nunca antes imaginados [...]. As navegações, portanto, não significaram apenas descobertas territoriais e multiplicação do tráfego comercial, mas também a convivência com bantos, malaios, tupinambás, chineses e japoneses. [...] A experiência religiosa nos mares revelou-lhes

novos costumes e valores que se somaram ao cotidiano europeu, conturbado por perseguição aos judeus e reforma luterana, intolerância responsável pelas guerras no coração da cristandade.

FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Antigo Regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 227.

Esse contato inicial destacou-se por:

- a) descobertas territoriais sem representar influência cultural.
- b) aproximações políticas sem impactos para os povos africanos.
- c) choque de interesses sem excluir as possibilidades de convivência.
- d) imposições de comportamentos sociais sem interesses econômicos.

2.

Entretanto os portugueses já contavam com uma outra alternativa em matéria de trabalho escravo. Desde a colonização da costa africana, no século XV, os portugueses já haviam redescoberto o trabalho escravo que desaparecera da Europa na Idade Média, mas que continuava a existir nas sociedades existentes na África. Desse modo, os portugueses já haviam montado uma rede de comércio negreiro, utilizando-se de escravos negros nas plantações de cana-de-açúcar em suas ilhas do Atlântico (Açores, Madeira).

ESCRavidão no Brasil: escravos eram base da economia colonial e imperial. Uol Educação (Pedagogia & Comunicação). Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/escravidao-no-brasil-escravos-eram-base-da-economia-colonial-e-imperial.htm>. Acesso em: 16 jun. 2024.

Sobre a presença portuguesa na África, pode-se apontar que os portugueses:

- a) criaram o comércio de especiarias entre os continentes europeu e africano.
- b) introduziram a prática da escravidão na África a partir da experiência medieval europeia.
- c) desequilibraram as economias africanas ao levar a produção de especiarias europeias para o continente.
- d) estabeleceram relações comerciais em torno do tráfico de pessoas do continente africano para a América.



Para concluir

O contato entre a Europa, a África, a Ásia e a América a partir das Grandes Navegações gerou profundas mudanças no mundo.

É comum observarmos apenas aspectos comerciais, pois transformações importantes ocorreram nesse sentido. O acesso às Índias gerou, por exemplo, um enorme afluxo de mercadorias de alto valor na Europa e um significativo enriquecimento de comerciantes no período.

Contudo, não é apenas o aspecto comercial que deve ser analisado nesse contexto. Os povos africanos, asiáticos e americanos eram detentores de grande diversidade étnica e cultural. Tinham os próprios hábitos, costumes, tradições, comportamentos e tantas outras manifestações e modos de organização distintos dos europeus.

Em tal contexto, os europeus usaram sua cultura como modelo a ser imposto sobre aqueles povos que eles consideravam inferiores. Desse modo, causaram profundas transformações nessas sociedades, em maior ou menor grau, dependendo da época, da região e do tipo de aproximação. Mas isso é assunto para os próximos módulos.

Mapa conceitual

Para sistematizar os conceitos desenvolvidos neste módulo, preencha o mapa conceitual da página 507.



Flashcards

Para consolidar os principais conteúdos abordados neste módulo, acesse os flashcards disponíveis no Plurall.